



**ENTREVISTA** Luís Pais Antunes

'Managing partner' da sociedade de advogados PLMJ

# “Não espero grande coisa deste Orçamento”

O advogado critica a “incerteza fiscal” e antecipa que o OE 2017 não vai responder à necessidade de captar mais investimento.

Fillipe Alves, António Sarmento e Mariana Bandeira  
falves@jornaleconomico.pt

A PLMJ comemora 50 anos em 2017 e Luís Pais Antunes está otimista em relação ao futuro da sociedade. Mas não se mostra tão otimista quanto ao futuro do País a médio prazo. Em entrevista ao Jornal Económico, o 'managing partner' da PLMJ e ex-secretário de Estado do Trabalho nos Executivos liderados por Durão e Santana (2002/2005), defende que o País está menos atrativo para os investidores e que o Orçamento do Estado para 2017 não terá soluções para este problema.

**Que balanço faz da atividade da firma em 2016? E quais as perspetivas para o próximo ano?**

2017 é o nosso quinquagésimo aniversário. É um momento marcante na história de vida da sociedade que nós queremos assinalar de forma bem viva, não apenas do ponto de vista da comemoração, mas com alguns marcos no desenvolvimento da nossa presença no mercado e no relacionamento com os clientes. É um marco histórico.

**A PLMJ criou uma equipa especializada no Contencioso Bancário e Financeira. É uma área com tendência de crescimento?**

Diria que não é uma tendência, é uma realidade. O nosso País, nos últimos anos e, em particular, nos últimos meses, viu aumentar de forma significativa a litigiosidade no âmbito do setor bancário e financeiro. Não digo que vá aumentar – até porque, neste momento, essa litigiosida-

de já é bastante significativa –, mas acho que vai continuar durante alguns anos, certamente.

**A confiança dos investidores em Portugal foi posta em causa pelos escândalos financeiros no BPN, BES e Banif?**

Acho que a confiança em Portugal foi posta em causa. Não tenho grandes dúvidas quanto a esse facto. Mas não me parece que seja um dado inultrapassável. Temos condições para recuperar essa credibilidade, mas ainda estamos no olho da tormenta.

**Que 'feedback' recebe dos clientes internacionais?**

É esse o 'feedback' que recebemos dos clientes internacionais. Mais

“Para o bem e para o mal, ultimamente o discurso do poder não tem sido atrativo para os investidores e não gera confiança. O grande fracasso de 2016 é a incapacidade de atrair investimento”

do que uma falta de confiança, há uma desconfiança quanto à incerteza e ao desenvolvimento. Há algum receio quanto às condições de estabilidade para o desenvolvimento da atividade económica. Para o bem e para o mal, ultimamente, o discurso do poder tem sido um discurso que não é atrativo para os investidores e que não gera confiança. Daí a dizer que há um afastamento ou que há um receio muito marcado, não, mas há incerteza.

**Refere-se ao novo imposto sobre o património?**

Sim e também a alguns sinais que vão sendo transmitidos, nem sempre com a mesma origem, quanto à incerteza fiscal. Nós continuamos a ter um enorme problema de incerteza fiscal, por exemplo em temas como a descida do IRC.

**O que espera do Orçamento neste campo?**

Infelizmente, não espero grande coisa. Não tenho grande expectativa de que o Orçamento traga boas notícias do ponto de vista da captação de investimento, que eu acho que é um dos principais fracassos do ano de 2016. Por um lado, não ser feita a recuperação por via de consumo interno. Duvido que houvesse grandes expectativas quanto a esse facto, mas era pelo menos anunciado como uma das possíveis portas de saída. Mas diria que o grande fracasso de 2016 é a incapacidade de atrair investimento, o que é crítico para o desenvolvimento do país. Dei dois exemplos com a questão do IRC e da tributação do património, mas não fa-



lei do exemplo que talvez tenha sido aquele que mais marcou os investidores e potenciais investidores, que são as reversões [de privatizações realizadas pelo Governo anterior]. Tiveram um impacto bastante negativo na forma como os investidores percecionam a realidade.

**Aumentou o risco de investir em Portugal?**

Sim. Mas não vale a pena ser catastrofista nestas questões, até porque não há motivos para isso. Enquanto estivermos sob o manto protetor da União Europeia e do Banco Central Europeu [BCE], o risco de Portugal é relativamente limitado. É por isso que eu não utilizaria a expressão de que estamos numa espécie de “index negativo” do ponto de vista dos investidores. ■



Cristina Bernardo

# “Estamos a caminhar para mais austeridade”

**Sente que as pessoas que investem em Portugal estão de pé atrás?**

Estão de pé atrás, mas enquanto existir o manto protetor do BCE, enquanto o 'quantitative easing' continuar a funcionar - embora esteja em clara desaceleração - haverá uma garantia de uma rede de segurança. Enquanto essa rede existir, os investidores não fugirão do mercado português a correr. Mas há outras áreas de incerteza. Nestes dias mais recentes, voltaram à discussão pública as alterações à lei laboral. Há uma discussão sobre qual o caminho a seguir, se vamos também entrar no campo das reversões ou manter alguma estabilidade. Não tenho dúvidas de que o Governo também percebe que, passada esta fase que marcou a alteração do ciclo político, não podemos continuar a andar a criar sucessivamente alterações e motivos para gerar incerteza.

**Acredita que o Governo vai conseguir gerir a pressão dos partidos da esquerda?**

No Orçamento de 2017, certamente que sim. Nesta altura, eu diria que os partidos da maioria que sustenta o Governo estão condenados a entender-se.

**Estão condenados a engolir sapos, como disse há duas semanas António Saraiva?**

Alguns sapos terão de engolir. Todos terão de engolir os seus sapos, não necessariamente os mesmos sapos. Até do ponto de vista da nossa inserção europeia, a situação continua a assentar sobre um equilíbrio bastante instável.

**Que balanço faz do primeiro mandato de António Costa?**

Não faço um balanço muito positivo. Acho que, a médio prazo,

corremos o risco de voltar a estar numa situação que nos obrigará a visitar um conjunto de princípios e de iniciativas que não são agradáveis. Não estamos a caminhar para sair da austeridade, estamos a caminhar para nos atolarmos cada vez mais na austeridade.

**Essa tem sido a tese defendida por Pedro Passos Coelho, mas que está ter dificuldade em convencer os portugueses, segundo as sondagens.**

Os portugueses estavam naturalmente cansados de um período, que foi longo, de restrição. Tinham a expectativa de que as coisas fossem melhorar. Mais do que a expectativa, tinham a convicção, mais ou menos fundada, de que aos poucos as coisas estavam um bocadinho melhor. A maioria das pessoas terá acolhido com algum agrado a sensação

“Acho que pessoas em geral ficaram bastante traumatizadas com os anos de 2010, 2011 e 2012. Quando lhes falaram em aliviar um bocado a pressão, as pessoas gostaram. Mas passou-se um ano e não melhorou muita coisa”

de alívio (ou uma relativa sensação de alívio) e, por isso, imagino - e as sondagens demonstram isso - que não esteja disponível para voltar. Acho que pessoas em geral ficaram bastante traumatizadas com os anos de 2010, 2011 e 2012: a sucessão de PEC, a queda do governo, o memorando de entendimento com a troika, os sacrifícios, os enormes aumentos de impostos... Quando lhes falaram em aliviar um bocado a pressão, as pessoas gostaram disso. Mas passou-se um ano e não melhorou muita coisa.

**Mas houve recuperação de rendimentos.**

Quem lê jornais, acha que a fome, a emigração, a pobreza e os impostos acabaram. A realidade não é essa. Houve alguma recuperação do poder de compra com a devolução de salários, sobretudo na função pública, com a eliminação de algumas restrições e cortes que tinham sido impostos mas, do ponto de vista dos fundamentais da economia, estamos mais ou menos no mesmo ponto em que estávamos há dois ou três anos. É antecipável que a curto ou médio prazo estejamos a discutir os mesmos assuntos. Na verdade, estamos a discuti-los desde o início do século XXI porque vai para 15 ou 16 anos que estamos em profunda estagnação. Não se vêem sinais animadores. Apesar de tentarmos transmitir mensagens mais otimistas, estamos a crescer menos, a atrasar pagamentos, as dívidas aos fornecedores recomeçam a ser uma preocupação... Não houve uma alteração fundamental do quadro económico em Portugal. ■ F.A., A.S. e M.B.

Leia o resto da entrevista com Luis Pais Antunes na página seguinte



GRANDE ENTREVISTA  
LUÍS PAIS ANTUNES

# “Vamos a caminho de mais austeridade”

■ P38